

SAÚDE E TRABALHO: uma correlação de conceitos na perspectiva de uma população rural e de Christophe Dejours

Maria de Lourdes DENARDIN BUDÓ^a
Rosa Maria Bracini GONZALES^b
Carmem Lúcia Colomé BECK^c

RESUMO

Este estudo aprofunda a discussão sobre o conceito de saúde construído por Christophe Dejours e aquele percebido nas famílias de descendentes de imigrantes italianos, trabalhadores rurais da Quarta Colônia de Imigração Italiana, RS. Nesse estudo são discutidos o conceito de saúde nos saberes acadêmico e popular. Durante o mesmo percebeu-se a ocorrência de uma aproximação do pensamento de Dejours com o das famílias de descendentes italianos referente à vinculação entre saúde e trabalho. Dentre os elementos que confirmam esta aproximação está o fato de que somente o indivíduo é capaz de estabelecer os limites entre o normal e o patológico.

Descritores: saúde e trabalho; conceito de saúde; meio rural; imigrantes italianos.

RESUMEN

Este estudio profundiza en la polémica sobre el concepto de salud construido por Christopher Dejours y el percibido junto a las familias de descendientes de inmigrantes italianos, trabajadores rurales de la Quarta Colônia de Imigração Italiana, RS. En este estudio se discuten los enfoques del concepto de salud en el saber académico y popular. Durante el mismo se percibió la ocurrencia de una aproximación entre el pensamiento del autor y el de las personas que componen las familias de descendientes italianos en lo que concierne a la relación entre salud y trabajo. De entre los elementos que confirman la aproximación está el hecho de que sólo el individuo es capaz de establecer los límites entre lo normal y lo patológico.

Descriptorios: salud y trabajo; concepto de salud; medio rural; inmigrantes italianos.

Título: Salud y trabajo: una correlación de conceptos desde la perspectiva de una población rural y de Christophe Dejours

ABSTRACT

This study deepens the discussion about the concept of health constructed by Christophe Dejours and the one perceived by families who are descents from Italian immigrants that are agricultural workers at the Fourth Colony of Italian Immigration, Rio Grande do Sul, Brazil. In this paper, the concept of health is discussed viewing the academic and popular knowledge. As the study develops, it is possible to perceive the occurrence of an approximation of the author's thoughts with the families descendant from Italian immigrants regarding health and work. Among the elements that confirm this closeness is the fact that only the human being himself is able to establish the limits between normal and pathological.

Descriptors: health and work; concept of health; agricultural environment; italian immigrants.

Title: Health and work: a correlation of concepts in the perspectives of a rural population and of Christophe Dejours

^a Enfermeira, Doutora em Filosofia da Enfermagem-UFSC, profª Adjunto I do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria, RS, Membro do GEPES.

^b Enfermeira, Doutora em Filosofia da Enfermagem-UFSC, profª Adjunto IV do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria, RS, Membro do GEPES.

^c Enfermeira, Doutora em Filosofia da Enfermagem-UFSC, profª Adjunto II do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, Santa Maria, RS, Membro do GEPES

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre o conceito de saúde nos meios acadêmicos tem sido a tônica de muitos trabalhos e debates e longe estamos, nos dias atuais, de um consenso sobre o tema. Essa constante preocupação em torno do assunto se explica em parte pela sua importância, pois a saúde é tida “como valor universal, como parte do ideário universal, elemento constitutivo da humanidade e, portanto, um valor para todas as classes e acima das classes ... Algo a ser obtido por todos os habitantes do planeta”^(1:182). Como o interesse é geral e o assunto é de cada um, passa a saúde a ser também, como diz a autora acima citada, um componente fundamental da democracia e da cidadania.

O presente estudo não pretende trazer nada conclusivo nessa polêmica, uma vez que se trata de assunto que parece ter espaço para muitas visões. Talvez o elemento fundamental seja contribuir para o entendimento do conceito de saúde de uma população rural de descendentes de imigrantes italianos, aliado ao pensamento de alguns autores, já consagrados, na discussão do tema, especialmente de Dejours, Dessors, Desrioux e Abdoucheli⁽²⁻⁴⁾.

Alguns trabalhos⁽⁵⁻⁸⁾ já têm evidenciado a diferença entre conceitos de saúde populares e acadêmicos, e essa reflexão poderá contribuir para o entendimento do tema e para uma tentativa de aproximação dos conceitos. As diferentes visões acadêmicas e o distanciamento desses conceitos daqueles considerados populares, isto é, daqueles que as pessoas manifestam no seu dia-a-dia, é assunto que necessita um maior aprofundamento para permitir um entendimento num novo patamar.

O conceito de saúde manifestado pelos participantes da referida pesquisa, é fruto do viver cotidiano, no qual é exposto aquilo que sentem, percebem, faz parte do seu viver, estando vinculado com suas experiências de vida, seus valores e visão de mundo, ficando, por esta razão, vinculado à sua cultura.

Neste estudo, em um primeiro momento, são trazidas algumas constatações e reflexões sobre a visão das pessoas que participaram da pesquisa a respeito do conceito em discussão. A seguir, são feitas ponderações tendo como foco a abordagem de Dejours, Dessors, Desrioux e Abdoucheli⁽²⁻⁴⁾ apresentando um conceito de saúde, onde há uma associação intrínseca entre saúde e trabalho. Finalizando, é feita uma tentativa de aproximação entre as visões dos autores e a das pessoas pesquisadas.

2 O CONCEITO DE SAÚDE NA PERSPECTIVA DOS DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS DA QUARTA COLÔNIA

Para melhor entendimento da proposta deste estudo, é importante que se conheçam as características fundamentais da pesquisa que o fundamentou⁽⁹⁻¹⁰⁾. A pesquisa foi realizada em uma das localidades do município de Silveira Martins, RS, que foi emancipado em 1987 e que constitui, juntamente com outros da região, a Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul. Dos moradores de Silveira Martins e das demais localidades desta região, quase 70% vivem na zona rural.

Para o colono^{(11)d}, a propriedade da terra significa local de trabalho, possibilidade de sobrevivência e de segurança, sendo que o herdado dos antepassados não foi somente o pedaço de terra que cultivam, mas o amor a ela devotado como a possibilidade de uma vida que não lhes falte o necessário. Portanto, o trabalho para estas pessoas encontra-se ligado à terra, à sua produção, as alegrias e dissabores dela decorrentes. Para realizar a coleta de dados foi utilizada a observação-participação-reflexão (O-P-R) de Leininger⁽⁸⁾. Assim, nos anos de 1993 e 1994, (às vezes, de uma forma mais intensiva; em outras, mais espaçadas) houve uma convivência com este grupo, através de

^d “Trabalhador agrícola ou pequeno proprietário rural, especialmente quando imigrante ou descendente deste” (11:504).

visitas nas propriedades, nas residências, nos locais de trabalho; na igreja e a participação em reuniões festivas, religiosas, funerais e de educação em saúde.

No transcorrer de todo o período da coleta de dados, da convivência com as pessoas, da transcrição das observações e entrevistas e, principalmente, da análise dos dados da pesquisa, foi ficando evidente um **tema** que emergiu logo no início e que estava presente na maior parte das situações estudadas: **cuidando e sendo cuidado**. Este tema surgiu como central, permeando o dia-a-dia das pessoas e famílias que vivem nesta comunidade, estando presente no trabalho e no lazer, na saúde e na doença, na casa e seus arredores e na lavoura. O cuidando e sendo cuidado integra todas as fases do processo de viver dos moradores, formando um verdadeiro modelo cultural que orienta as pessoas, auxiliando-as nos diferentes momentos de suas vidas. Este modelo envolve todos os integrantes da comunidade, uns cuidando, outros sendo cuidados e outros ainda se autocuidando.

A família representa o centro do viver nesta comunidade. Santin e Isaia^(12:16), descrevendo a vida dos imigrantes italianos e seus descendentes, na região da Quarta Colônia de Imigrantes Italianos do Rio Grande do Sul, dizem que, para eles, constituir família tem o sentido de **ter um nome de honra e ter a emancipação e reconhecimentos sociais** significando também **estar em harmonia com a moral cristã e os bons costumes**. Este forte valor cultural dado à família foi também encontrado nos estudos de Leininger^(8:364) com ítalo-americanos^e destacando-se “laços estreitos na família nuclear e expandida”, sendo que um dos significados de cuidado cultural e modos de ação encontrados são “envolvimento com familiares e outros italianos”. A família é colocada na posição fundamental como alicerce da vida constituindo-se, a mãe e o pai, como seus protetores. Os filhos são tidos, na perspectiva

católica dominante entre os imigrantes italianos, como uma determinação divina e que não poderia ser refutada. Uma das mulheres pesquisadas, tentando justificar o fato de ter só dois filhos, fato incomum entre as famílias de sua época, refere sua condição de saúde. Esclarece que, ao ficar grávida, mesmo estando sem condições de ter o segundo filho, devido a uma cirurgia que fizera, não teve outra alternativa:

eu tive um filho depois da operação, que eu não podia, mas o que é que eu ia fazer? Matar eu não ia (Depoente).

O **trabalho** é um valor fundamental na vida dos colonos, pois acreditam ser fonte de renovação e saúde, apesar de entenderem que as atividades na lavoura são muito cansativas e exigem sacrifícios. Isso é bem evidente na fala de uma das mulheres dessa comunidade:

o pai nunca teve problema de pressão, nunca teve essas coisas, nunca teve doença, sempre trabalhou, trabalhou, trabalhou. Nunca parou... Quando parou, desanimou... [com a morte da esposa]. Caiu no desânimo e começou a se chatear de não falar direito... Ficou doente e agora não fala mais nada, não sai da cama (Depoente).

A divisão do trabalho familiar permite a cada componente ter a sua participação definida. Ao homem cabe a direção do processo de trabalho na lavoura, bem como a sua execução, a compra e venda de material ligado ao trabalho, o contato com o banco. À mulher, além das atividades de cuidado com os filhos, da manutenção da casa, elaboração de produtos artesanais, confecção de roupas, cabe ainda as tarefas de cuidado com os animais domésticos, alimentação e ordenha das vacas, bem como o cultivo da horta caseira. Muitas vezes, além de todas estas atividades, ela divide com o homem o trabalho na lavoura, principalmente nos períodos de plantio e de colheita. As crianças desde, aproximadamente, os oito anos passam a participar das atividades laborais, acompanhando

^e Norte-americanos, descendentes de imigrantes italianos.

os pais ou irmãos mais velhos em atividades mais simples e leves. Nesse caso, o aprendizado para o trabalho inicia bem cedo e faz parte do curso natural da vida, quando as crianças passam a ser inseridas no processo de trabalho familiar, contribuindo com sua parcela e, ao mesmo tempo, aprendendo o seu teor.

As pessoas mais velhas, tanto homens como mulheres, têm suas atividades na lavoura diminuídas, passando os mais jovens a desenvolver o trabalho mais pesado. Porém, apesar da idade avançada, as pessoas continuam fazendo algum tipo de trabalho, pois para eles trabalhar significa ter saúde e a possibilidade de não ficar doente. Nesse sentido, o trabalho parece ser uma situação limite, tanto de saúde como de doença. Assim, trabalha-se para ter saúde, mas também fica-se doente de trabalhar. Sobre isso uma das mulheres referindo-se ao marido, que já está com mais de sessenta anos, diz:

o Albino [que tem mais de 60 anos] também vai na lavoura. Ele não quer ficar em casa, mas vai mais tarde, mas é melhor que ele vá, porque não é bom só ficar em casa. Porque tem um homem aqui fora que se aposentou. Ele trabalhava na oficina, mas se aposentou e começou a dizer que ele não ia mais trabalhar. Mas também num ano ele morreu. Parou, né, o corpo ... de movimentar o corpo ... Tem muita gente, acostumado na lavoura, sempre trabalhando. É só diminuir um pouco, né? Ir mais tarde, de manhã ele toma um mate, depois ele vai. Ele vai quando ele quer e vem quando quer também. Quando ele quer sentar, ele senta e descansa (Depoente).

Outra mulher, com sessenta e cinco anos, hipertensa, fala:

mesmo assim [com os problemas de saúde que tem] não consigo ficar parada. Fazer o que? A gente não pode ficar sem fazer nada, tem que fazer alguma coisa. Não me deixam mais ir na lavoura, faz

tempo. Então eu tiro o leite das vacas ... Busco comida para elas, arranco mandioca, cana, esses servicinhos assim ... Tem que se trabalhar, enquanto se pode, né? (Depoente).

Nessas duas falas pode-se constatar que o trabalho é tido como fonte de saúde e percebe-se a necessidade de manter alguma atividade para o equilíbrio em todas as dimensões, especialmente, na saúde mental.

A alimentação, o comer bem, ter as despensas com muito alimento faz parte dos valores fundamentais. As pessoas se alimentam e preocupam-se em alimentar os familiares visando a saúde que deve ser preservada a fim de proporcionar a possibilidade de trabalho. Ao mesmo tempo em que o alimento é fonte de saúde, a mesa farta representa também o fruto do trabalho, é a representação da condição de prosperidade. Há um orgulho evidente em mostrar o que é produzido, ficando implícito que isto é resultado do trabalho. Assim, percebe-se o significado de que, enquanto a mesa é farta, há saúde e a possibilidade de produzir através do trabalho. As despensas sempre abarrotadas de alimento demonstram a preocupação dos imigrantes com a alimentação, sendo este um dos valores mais evidentes para manter a saúde e possibilitar o desempenho do papel de cada um na família.

Uma das mulheres, quando se manifesta sobre o que é saúde, diz que:

o principal é a comida. Se a gente come bem, de tudo, frutas, verduras, a gente tem mais saúde. E a gente mesmo plantando não tem veneno, não tem todas estas porcarias que botam na comida. Esses que não têm o que comer, pegam mais doenças. Para poder trabalhar tem que comer bem, comida que dê força, porque não é fácil fazer este trabalho pesado ... (Depoente).

Assim, percebe-se, com maior clareza, a estreita vinculação entre a produção do alimento e seu consumo; o trabalho como elemento importante para isso e a saúde

transparecendo como a causa e o efeito de todo este processo.

A **visão de saúde** expressa nas falas e na visão de mundo dessas pessoas está vinculada à capacidade de trabalho. Os parâmetros de saúde não têm como referência os conceitos acadêmicos, comumente aceitos nas diferentes linhas de pensamento do sistema oficial. Não há, necessariamente, relação com a doença, sua ausência ou cura. Está ligado ao conseguir cumprir o dever, através da realização de seu trabalho. Surge então o trabalho como uma categoria emergente e indicadora de saúde. A construção mental nesta cultura é que o trabalho é a razão de ser da existência, aparecendo como **se não trabalho, não sirvo para nada**. O estar com saúde significa estar em condições de trabalhar. As pequenas ou grandes indisposições, o mal-estar ou mesmo dores que não impedem a realização do trabalho, não são tidas como doenças, muito menos como sinais importantes na percepção das mesmas. Há uma grande dificuldade de perceber os sinais corporais, que só são considerados quando são fortes a ponto de impedir a realização das atividades do cotidiano. Se, por um lado, a saúde é vista como a capacidade para o trabalho, a doença passa a ter o sentido de incapacidade de trabalho. Essa mesma relação entre saúde e trabalho, ou atividades relacionadas como categorias associadas, foi encontrada em estudos com população de origem açoriana por Elsen e Cartana⁽⁶⁻⁷⁾. Fica evidente o estabelecimento do trabalho como indicador no conceito de saúde adotado entre os adultos dos grupos estudados.

Mesmo em situações em que é diagnosticada uma doença, como a hipertensão arterial, especialmente quando não apresenta sintomas definidos, há dificuldade de relacionar os conceitos do sistema oficial com o conceito de saúde ou doença identificados por eles. Nesse caso, um dos informantes assim se expressa:

diz que eu tenho pressão alta, já viram outro dia, mas eu sou muito novo, não sinto nada ... Isso não é nada. Não precisa cuidar ... (Depoente).

Essa posição demonstra claramente a distância entre os conceitos emitidos em cada um dos sistemas. Pela dificuldade de percepção corporal há um outro elemento cultural, presente nas práticas de vida, pois as pessoas dificilmente se queixam de doença. Há uma grande dificuldade de expressar os sintomas, pois parece sentirem-se sem direito de **incomodar** a família; gastar o dinheiro guardado para estas circunstâncias e ainda diminuir o seu ritmo de trabalho. Somando-se a isso os familiares terão de alguma forma que parar, quer para marcar consulta, quer para levar à consulta e realizar os demais cuidados decorrentes da doença.

Essa dificuldade de percepção corporal identificada entre os colonos é referida por Boltanski⁽¹³⁾ em estudos sobre o uso do corpo nas diferentes classes sociais. Para o autor, os indivíduos prestam tanto menos atenção ao corpo e mantêm com ele uma relação tanto menos conscienciosa quanto mais são levados a agir fisicamente. Isto acontece porque o estabelecimento de uma relação reflexiva com o corpo é pouco compatível com sua utilização intensa. O prestar atenção ao corpo, desde a percepção das sensações doentias, até a aparência agradável ou desagradável, as sensações físicas de prazer ou desprazer,

cresce quando eles se elevam na hierarquia social e quando se passa dos agricultores aos operários, dos operários aos assalariados, ou seja, quando diminui a resistência que são capazes de opor ao próprio corpo e sua força física, ou seja, o partido que podem tirar do corpo^(13:145).

O trabalho do agricultor é caracterizado pela utilização intensiva do corpo, especialmente nas pequenas unidades de produção, características desta região, onde o maquinário oriundo da modernização da lavoura é pouco utilizado devido às condições acidentadas das regiões montanhosas e pelo gasto advindo de seu uso. A relação conscienciosa com o corpo, sua escuta e percepção no sentido da

integralidade do ser, está intrinsecamente relacionada com o tipo de trabalho que as pessoas desempenham e estes dois fatores atuam diretamente sobre as sensações de sofrimento ou de prazer, atingindo também a percepção das sensações doentias.

A busca de um sentido comum para o que se entende por saúde ou doença é tão importante para as pessoas cuidadas como para o profissional da saúde, uma vez que ambos dependem um do outro para o êxito de seus objetivos. Um questionamento evidenciado é o de que, quando se aborda a saúde falamos de que corpo? É o corpo objetivo, aquele que vemos, tocamos, mas também é o corpo que sentimos. Neste aspecto entra a visão e a percepção subjetiva, tanto daquele que se percebe como sujeito corporal, o paciente e o profissional da saúde, que o trata ou cuida. Foram muitas as questões que ficaram em aberto e este parece ser o momento de dar-lhes mais um movimento, um novo ponto de vista, um aprofundamento com o pensamento de Dejours.

3 A VISÃO DE CHRISTOPHE DEJOURS SOBRE O TEMA

Por que Dejours neste estudo? Acreditamos que nesta fase é fundamental justificar a importância deste autor para a clarificação do tema. No percurso dessa discussão fica **evidente** a associação explícita entre saúde e trabalho referida pelas pessoas que fizeram parte desta pesquisa. Nesse sentido, torna-se relevante buscar a aproximação entre esta ótica e a visão de saúde do autor, o que traz novas luzes sobre o tema possibilitando outras reflexões sobre o assunto.

Dejours⁽²⁾ desenvolve em seu trabalho sobre um novo conceito de saúde a idéia que deveria ser óbvia nos meios acadêmicos, a de que a saúde das pessoas é um assunto ligado às próprias pessoas. Para ele esta idéia é primordial e fundamental. Nada mais lógico, uma vez que a saúde de cada um é considerada, para a maioria das pessoas, como o bem maior. Uma

constatação sempre presente em nossa pesquisa é a manifestação de que tendo saúde é o principal, o resto a gente dá um jeito⁽⁹⁾.

Fazer julgamentos sobre o que é normal e o que não é, o que é saúde ou não é para determinada pessoa, torna-se impraticável, uma vez que tudo depende de uma história de vida, de um processo que é único.

Dejours⁽²⁾, após fazer a crítica do conceito de saúde emitido pela OMS, em 1948, diz que houve um desenvolvimento na área da saúde que corroborou para o crescimento da concepção de saúde nos últimos tempos e que este novo conhecimento está associado a três elementos: a fisiologia, a psicossomática e a psicopatologia. Quando aborda a fisiologia, o referido autor destaca que a saúde não é um estado de calma, conforto, ausência de movimento, bem estar e ociosidade, pelo contrário, ela se caracteriza pelo seu constante movimento. Nesse sentido, se quisermos trabalhar pela saúde, devemos deixar os movimentos do corpo livres. Esses movimentos se referem a todo tipo de movimento, tanto externo como interno ao organismo e em todas as dimensões do indivíduo, quer sejam física, mental, social, espiritual, cultural ... O segundo elemento trazido por Dejours⁽²⁾ para ampliar a discussão sobre o conceito de saúde está relacionado com a psicossomática, onde o autor relaciona a doença física com aquilo que se passa a nível mental. Sobre isso afirma que a saúde mental não é o bem-estar psíquico, não há um estado de bem-estar e de conforto. Ela abrange a busca de objetivos, de fins, de desejos e de esperanças, que o autor engloba no termo genérico de desejo. Isto significa que a transformação é o fundamento motor da saúde mental, e que, mais uma vez, longe do movimento estamos afastados da saúde. Há sim o desejo, sendo por isso que o autor diz que "a saúde é quando ter esperança é permitido"^(2:9). E, por fim, o autor relaciona o terceiro elemento das aquisições dos últimos tempos para enriquecer o conceito de saúde, que é a psicopatologia do trabalho. Nesse ponto, ele demarca um elemento comum

na voz das pessoas – o trabalho é um elemento fundamental para a saúde. O trabalho e o não trabalho podem ter efeitos importantes na saúde das pessoas. Tanto as condições de trabalho (físicas, químicas e biológicas) como a organização do trabalho (divisão de tarefas e divisão das pessoas) são fatores que interferem na saúde. Para Dejours “se o trabalho pode ser perigoso, se pode ser a causa de sofrimento, é preciso também compreender que o não trabalho é igualmente perigoso”^(2:10).

Quando Dejours conclui o texto, aprofunda a discussão sobre uma definição de saúde e diz que, “a saúde para cada homem, mulher ou criança é ter meios de traçar um caminho pessoal e original, em direção ao bem-estar físico, psíquico e social”^(2:11). Em relação ao bem-estar físico, ter saúde, é ter a

liberdade de dar [ao] corpo a possibilidade de repousar, é a liberdade de lhe dar de comer quando tem fome, de fazê-lo dormir quando ele tem sono [...]. Não é anormal estar cansado, estar com sono. [...] Pode ser que até seja normal ter algumas doenças. O que não é normal é não poder cuidar dessa doença, não poder ir para a cama, deixar-se levar pela doença, deixar que as coisas sejam feitas por outro durante algum tempo, parar de trabalhar durante a gripe e depois voltar^(2:11).

O bem-estar psíquico seria para o autor, “a liberdade **que é deixada ao desejo** de cada um na organização de sua vida” [grifo do autor] e o bem-estar social, “a liberdade de se agir individual e coletivamente sobre a organização do trabalho, ou seja, sobre o conteúdo do trabalho, a divisão das tarefas, a divisão dos homens e as relações que mantêm entre si”^(2:11).

Portanto, ter saúde é ter liberdade para poder regular a sua vida, nas diferentes dimensões, em uma constante variação dinâmica das mudanças sucessivas por que passam as pessoas no transcorrer de sua existência.

4 UMA TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO DOS CONCEITOS

Parece-nos que Dejours⁽²⁾ traz a discussão para as pessoas que têm sido o objeto das mesmas, não mais como objeto, mas como os sujeitos da questão saúde. É uma temática individual, pois passa pela percepção e decisão do indivíduo, mas é também uma questão coletiva, pois resulta de ações que dependem de políticas públicas. Nesse último caso, a saúde passa a ser componente fundamental da democracia e da cidadania, envolvendo muitos outros conceitos e caracterizações que, nesse texto, não serão aprofundados, não por serem menos importantes, mas especialmente porque esta abordagem mereceria um outro estudo.

Dejours⁽²⁾ distingue as condições de trabalho e a organização do trabalho como elementos fundamentais para o entendimento das relações entre saúde e trabalho. Tanto um como o outro resultam em problemas ou não para a saúde.

O sofrimento é concebido, por Dejours e Abdoucheli^(4:127), como a vivência subjetiva, intermediária entre o doença mental descompensada e o conforto (ou bem-estar) psíquico. Eles reconhecem a dificuldade em definir o bem-estar ou boa saúde mental, ao mesmo tempo em que sentem a necessidade de constituir um **horizonte**, até mesmo por uma necessidade de lógica.

Dejours e Abdoucheli admitem que:

... o sofrimento é inevitável e ubíquo. Ele tem raízes na história singular de todo sujeito, sem exceção. Ele repercute no teatro do trabalho, ao entrar numa relação cuja complexidade já vimos, com a organização do trabalho^(4:137).

E, nesse sentido, o desafio, para a psicopatologia do trabalho, é definir as ações suscetíveis de modificar o destino do sofrimento e favorecer a sua transformação. Quando o sofrimento pode ser resignificado e transformado em criatividade (sofrimento criador), ele

se torna benéfico para a identidade do sujeito, uma vez que aumenta a sua resistência em relação aos riscos de desestabilização física e mental. Dessa forma, o trabalho torna-se equilibrante para a saúde. Mas o contrário também pode acontecer e o trabalho pode funcionar como mediador da fragilização da saúde, como sofrimento patogênico, quando não há mais espaço para liberdade e transformação⁽⁴⁾.

Para as pessoas participantes da pesquisa⁽⁹⁻¹⁰⁾, que desenvolvem a agricultura familiar, o trabalho é realizado segundo sua própria organização, pois são eles os donos da terra e os que decidem quando, como e o que produzir nas diferentes épocas do ano. Embora isso ocorra, existem fatores que são alheios a sua vontade e que se encaixam, especialmente, nas condições de trabalho. Em relação a isso, destaca-se a exposição aos elementos ambientais como o clima (incluindo a temperatura, as intempéries e outros), as substâncias químicas (agrotóxicos, adubos e outros) e o esforço físico no trabalho que exige o uso intensivo do corpo. Estes elementos são muitas vezes identificados como causadores de problemas de saúde, pois têm levado a problemas como afecções determinadas pelo uso indevido de agrotóxicos e os problemas músculo-esqueléticos (dor na coluna). Por outro lado, como eles mesmos determinam o horário de trabalho (especialmente fora dos períodos de plantio e colheita) podem não se expor ao sol nos horários de calor intenso, o que é importante na prevenção de problemas de saúde como os relacionados com câncer de pele.

Outro elemento são os fatores sócio-econômicos como a liberação ou não de créditos e subsídios estatais, as perdas de safras devido a fatores climáticos, dentre outros aspectos, que se constituem no que Dejours⁽²⁾ denominou de condições de trabalho e que interferem diretamente no trabalho e na saúde do trabalhador rural. Embora isto, muitas vezes, independa de sua vontade e seja fator de sofrimento e angústia, são os próprios

trabalhadores que decidem a organização do trabalho.

A atividade da agricultura familiar é quase toda desenvolvida pelos diferentes membros da família, sendo que a organização do trabalho (conteúdo das tarefas e relações humanas) se passa no interior da mesma.

O pensamento de Dejours se aproxima muito ao das pessoas pesquisadas em diferentes aspectos. Como primeiro ponto, ele diz que “a saúde das pessoas é assunto ligado às próprias pessoas”^(2:8). Nesse caso, sente-se a preocupação do autor em trazer o debate e a definição do estado de saúde para os principais interessados no assunto. Outro elemento primordial e que tem reflexo na visão de mundo dos indivíduos é que tanto o trabalho como a sua ausência são fatores de equilíbrio/desequilíbrio na saúde. As diferentes manifestações dos trabalhadores rurais refletem isso, quando referem a importância do trabalho em suas vidas, quando se preocupam em ensinar o trabalho desde a infância e manter a ocupação até a velhice, estabelecendo todo um processo de iniciação no trabalho e de diminuição das tarefas à medida que as condições físicas impedem a realização das atividades. Nesse sentido, fica clara a preocupação com a saúde mental das pessoas, porque para elas trabalhar é ser útil, é ter saúde, é fonte de angústia, de cansaço, de sofrimento, mas também é de prazer ao ver o produto do seu trabalho. É muito mais do que ter uma atividade rotineira, alienada e sem perspectiva. Isso vem ao encontro do que diz Dejours, quando refere que há trabalhos em que os trabalhadores se sentem melhor depois do que antes dele e, nesse caso, a organização do trabalho “oferece um campo de ação, um terreno privilegiado para que o trabalhador concretize suas aspirações, suas idéias, seus desejos”^(2:10). Para o autor, isso é possível no caso em que o trabalho é escolhido livremente e a sua organização é flexível, podendo ser adaptada ao desejo, às necessidades do corpo e às variações do estado de espírito das pessoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre o tema saúde e trabalho possui um significado maior, neste caso, quando se leva em conta a diferenciação do trabalho na agricultura familiar, no qual o trabalho e as suas relações são peculiares, diferenciados do trabalho urbano e precisa ser revisto frente a sua importância na sociedade atual. Acreditamos que esta nova leitura da pesquisa de Denardin-Budó e Denardin⁽⁹⁻¹⁰⁾, frente a algumas considerações de Dejours, contribuiu para o aprofundamento dessas questões.

Este estudo sinaliza para uma concepção mais ampla de saúde requerendo que se pense a reestruturação da vida em novas bases, de modo que o sistema de saúde possa atender de forma plena às diferentes e singulares necessidades humanas, inclusive aquelas relativas ao trabalho e seu lugar na vida das pessoas.

Dejours chama a atenção, e este estudo confirma, que somente o indivíduo é capaz de saber se tem saúde ou não, ou seja, apenas ele é capaz de estabelecer os limites entre o normal e o patológico, uma vez que é ele quem sofre e reconhece suas dificuldades para enfrentar as demandas que seu meio lhe impõe. Portanto, quem pede atenção, quem precisa ser escutado é aquele que sabe e se sente doente. Isso nos remete a refletir como temos nos comportado ao cuidar de pessoas doentes, uma vez que ainda estabelecemos relações de poder com as pessoas cuidadas determinando o que é certo ou errado, bom ou ruim, desrespeitando as questões culturais fundamentais para se prestar uma assistência qualificada.

Essas considerações também nos remetem à reflexão sobre o compromisso ético que temos, enquanto docentes de enfermagem nos diversos níveis, com a formação de profissionais que atendam às necessidades e os desejos das pessoas e suas famílias assistidas por eles, levando em conta, especialmente, o respeito às questões culturais. Deve-

se também estabelecer relações que possibilitem a emergência da subjetividade dos indivíduos cuidados pela enfermagem, onde encontraremos os subsídios necessários para a realização de um cuidado humanizado e individualizado.

REFERÊNCIAS

- 1 Escorel S. Saúde: uma questão nacional. In: Teixeira SF, organizador. Reforma sanitária: em busca de uma teoria. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 1995. 232 p. p. 181-92.
- 2 Dejours C. Por um novo conceito de saúde. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, São Paulo 1986 abr/jun;14(54):7-11.
- 3 Dejours C, Dessors D, Desriaux F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. Revista de Administração de Empresas, São Paulo 1993 maio/jun;33(3):98-104.
- 4 Dejours C, Abdoucheli E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas; 1994. 145 p. p. 119-45.
- 5 Kleinman A. Patients and healers in the context of the culture: an exploration of the borderland between anthropology, medicine and psychiatry. Berkeley (CA): University of California Press; 1980. 427 p. (Comparative studies of health systems and medical care; 3).
- 6 Elsen I. Concepts of health and illness and related behaviors among families living in a Brazilian fishing village [thesis of Doctoral in Nursing]. San Francisco (CA): University of California; 1984. 301 f.
- 7 Cartana MHF. Rede e suporte social de famílias [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 1988. 207 f.
- 8 Leininger M. Culture care diversity and universality: a theory of nursing. New York: National League for Nursing Press; 1991. 432 p.

- 9 Denardin-Budó ML. Cuidando e sendo cuidado: um modelo cultural de suporte à saúde em comunidade rural de descendentes de imigrantes italianos [dissertação de Mestrado em Extensão Rural]. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria; 1994. 221 f.
- 10 Denardin ML. Cuidando e sendo cuidado: um modelo cultural de saúde em comunidade rural. *In*: Gonzales RMB, Beck CLC, Denardin ML. Cenários de cuidado: aplicação de teorias de enfermagem. Santa Maria (RS): Pallotti; 1999. 263 p. p. 159-263.
- 11 Ferreira ABH. Aurélio, século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999. 2128 p. Colono; p. 504.
- 12 Santin S, Isaia A. Silveira Martins: patrimônio histórico-cultural. Porto Alegre (RS): Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; c1990. 96 p.
- 13 Boltanski L. As classes sociais e o corpo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal; 1989. 191 p.

Endereço da autora/Author's address:

Maria de Lourdes Denardin Budó
Rua Appel, 800, ap. 208.
97015-030 - Santa Maria - RS
E-mail: lourdesd@infoway.com.br

Recebido em: 26/03/2002

Aprovado em: 10/10/2002
